



Ricardo Giuliani

TransAparente



Corpo Presente

Ricardo Giuliani usa um extenso arquivo de referências para construir seu trabalho plástico, em que a composição passa a existir a partir do diálogo entre as formas radiografadas existentes e as formas agregadas, ou seja, os desenhos e as pinturas realizados nos suportes de raios X.

A escolha para a criação desta série recai sobre a figura humana, ou partes dela, pois já estão gravadas nos raios X. As questões postas estão muito além do visual, isto é, há uma dualidade entre o que é a imagem e o que ela significa, já que o embate direto entre a vida e a morte traz para esta experiência artística um olhar contemplativo e ao mesmo tempo introspectivo.

Ao apropriar-se das radiografias para uma prática artística, Giuliani preocupa-se em interferir nas imagens com linhas, formas,

veladuras e raspagem de suporte, gerando em suas combinações um discurso estético.

As camadas que se sobrepõem ao suporte mais a luz do *backlight* (modo como são apresentados os trabalhos em sua maioria) acabam por revelar o que está embaixo, algo semelhante a um palimpsesto.

No início do processo, o artista está aberto para observar o que a imagem já possui e, a partir dela, tece relações com o cotidiano, com tudo que o cerca, sem um roteiro predeterminado. As relações são híbridas e muitas vezes se caracterizam pelo excesso de informações, originando desafios para o observador.

O espaço da obra é infinito, visto que pode ficar transparente ou adensado, devido aos materiais sobrepostos, e causar deslocamentos inesperados, confortáveis ou não, permitindo a extensão do olhar e do pensamento.

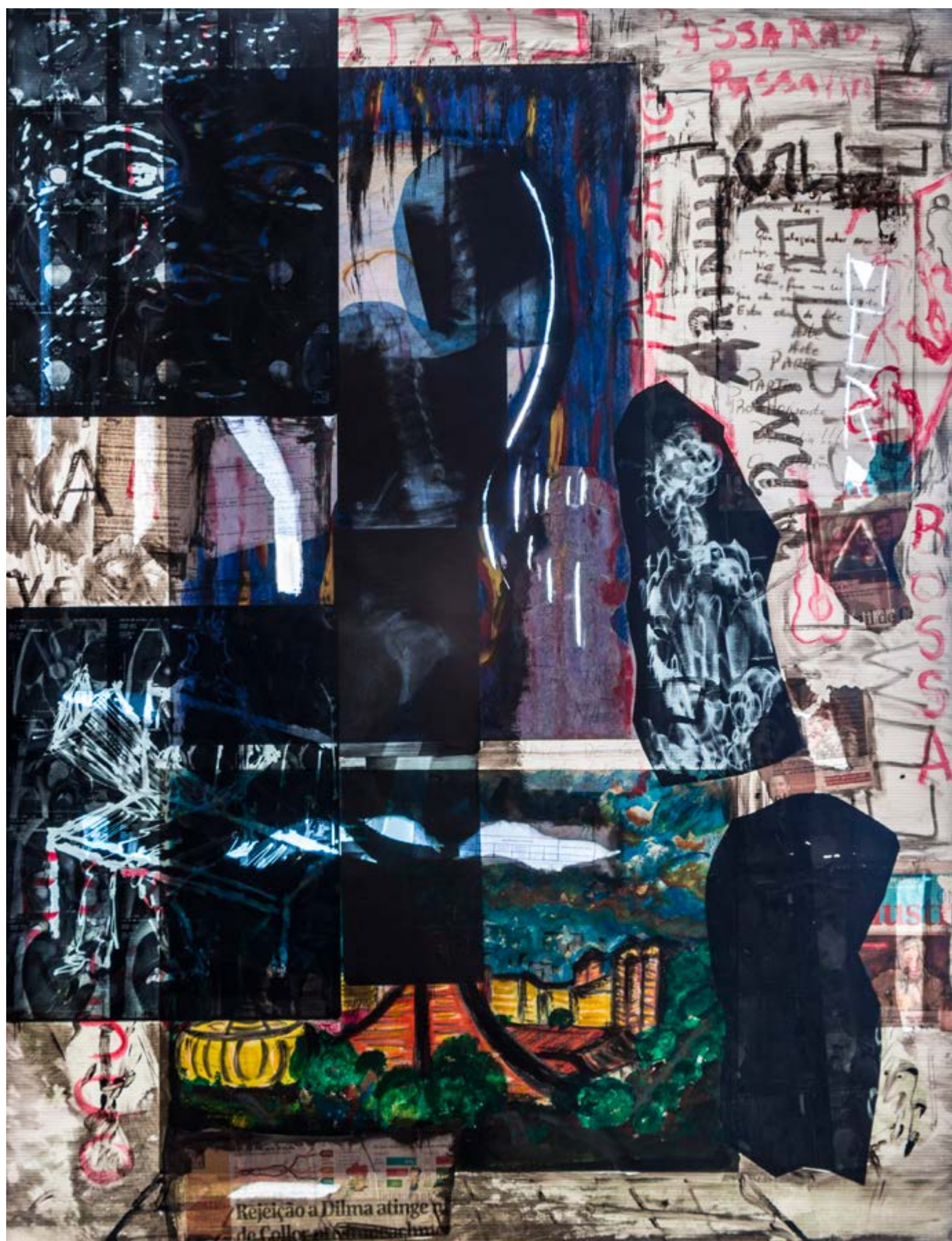
Ana Zavadil

Historiadora da arte e curadora independente



Sem título

Colagem e desenho sobre chapa de raio X,
nanquim sobre chapa de plástico polionda
100x132cm
2015



Sem título

Colagem e desenho sobre chapa de raio X, nanquim sobre chapa de plástico polionda

132x100cm

2015

POP Contaminado

Ao observar as obras mais recentes de Ricardo Giuliani, constatamos uma convergência de influências que, por sua vez, produzem um turbilhão de informações que podemos designar como tendo diversas procedências. Seria fácil relacionar essa produção às recorrentes designações que inscrevem a arte em um conjunto de procedimentos costumeiros ou banais, especialmente quando decorrentes da colagem. Justamente ela que é naturalmente associada ao hibridismo e, por consequência, está sujeita a toda sorte de atribuições artísticas, já que, através dela, um significativo conjunto de fragmentos do mundo da cultura acaba ingressando no espaço de realização da obra. Essa profusão de elementos acaba, na maioria das vezes, produzindo uma distração e embaralhando nossa percepção, alienando-a de seus aspectos mais importantes, ou seja, daquilo que é efetivamente prioridade.

Podemos iniciar por uma das características mais significativas da colagem, que é a contaminação. Ao romper com a ordem espacial a partir do Cubismo e instituir uma espécie de simultaneidade, ela produz uma sensação de caos que, muitas vezes, é enganadora. O engano reside sobretudo em tentarmos atribuir sentido mais à natureza do procedimento e menos às raízes históricas e culturais do trabalho e em que medida elas têm relevância, especialmente diante de um vasto contingente de obras que se assemelham. Na verdade, se observarmos com cuidado essas obras de Giuliani, veremos que, em meio ao excesso de informação e ao choque de elementos díspares, arregimentam diversas tradições artísticas, como o Expressionismo, a experiência do Dadaísmo, o impulso do grafite,

a dimensão multidimensional da escritura e, até mesmo, uma vocação proveniente da arte Povera. Além disso, elas se entrecruzam com alguns procedimentos históricos modernos, como, por exemplo, os cortes de Fontana. Ao trazer para a atualidade esse conjunto de contribuições, reivindicam o excesso da contaminação como uma contribuição da cultura e seu ingresso definitivo na arte.

Podemos observar, a partir disso, que nossa capacidade de envolvimento com a obra de arte mudou radicalmente nestes últimos anos. Assim, não seria mais possível perceber tais obras como manifestações simplificadas da "técnica mista", ou do experimentalismo da matéria ou, ainda, de um inadvertido ingresso da expressão no espaço. Trata-se, antes de tudo, de um repertório elaborado de fontes e naturezas diversas, que confluem para o campo planar da pintura, e embora fazendo dela pouco caso, ocupam o espaço por meio de um repertório de procedimentos complexos que problematizam as referências históricas das quais se alimenta a obra. Diante de sua vocação pelas imagens do universo popular, podemos dizer que se trata de um "pop contaminado". Refiro-me ao caráter indistinto dessas obras. De serem colagens que atribuem substância ao universo da cultura desafiando uma série de técnicas ortodoxas (tradicionais por assim dizer), mas também rompendo com a relação figura-fundo e retirando do espaço desta forma, a coerência entre o universo da sociabilidade e o fundo cultural que as abrigam. As coisas são assim jogadas em um abismo, sem o artifício compositivo da colagem histórica, ao mesmo tempo que rejeitando a coerência formal.

Assim, o fundo não mais funciona como um suporte semântico para abrigar as “coisas”, e somos forçados a construir um conjunto de estratégias para abordar o trabalho, sob pena de termos de relegá-lo ao lugar-comum do ecletismo da técnica. O caráter híbrido dessas imagens confere ainda uma carga erótica à forma, que, incorporada às referências culturais e históricas desses elementos da colagem, imprime a elas um caráter sombrio, tórrido, disfuncional. O Pop, com sua estética comumente esfuziante, adquire uma dimensão dramática e niilista. Lembremos que, mesmo quando ele encontrou seu momento mais dramático e mórbido, historicamente falando, como na série *Death and Disaster*, de Andy Warhol, ainda assim, ele chamava a atenção para a chamada sociedade de consumo, cujos veículos de locomoção significavam um confronto fatalista com a realidade do progresso. A luz que o artista coloca nessas obras e que lhes dá um pouco de vida, imprime ênfase às marcas de tinta de grafite e aos escritos que pontuam a superfície de tempos em tempos, levando-as ainda mais para o universo soturno das imagens.

O aspecto performativo dessas obras, que elas colocam em desenvolvimento no campo da arte, em sua contínua descaracterização das partes, frustrando a apreensão do todo e privilegiando o fragmento como uma ordem construtiva, contrasta com as regulares buscas pela coerência formal. Dessa forma, tais obras do artista comportam-se como se invocassem um sentido para a vida das imagens; porém, na verdade, estão a enganar a todos, na medida em que sabemos que qualquer tentativa de coesão seria apenas uma farsa encenada. Não podemos esperar dessas obras qualquer sinal em direção à lógica formal, mas apenas um constante esforço pela dispersão discursiva da imagem.

Há ainda um aspecto iconoclasta nessas obras, já que a imagem é constantemente destruída e refeita. A intensa energia mobilizada na feitura das obras, espécie de *all-over* planejado, em lugar daquele movido pela força motora do inconsciente, perturba a superfície, ao mesmo tempo em que refaz a especulação propositiva da imagem em sua relação com a forma. Não é mais possível pensar essas obras no âmbito do ingênuo ingresso da imagem no espaço confessional do trabalho de arte, pois é preciso considerar que, quando se contaminam, as referências entram em conflito, gerando um intermitente universo de informação em que o conceito sofre um progressivo confronto com os elementos que lhe atribuem contorno e afirmação teórica. Se a intenção artística for colocada em xeque e questionada, na forma de perguntas que lhe propiciem uma resposta, esse complexo sistema de ordenação do repertório artístico se realizará, no final das contas, a partir da tradição artística.

Para Giuliani, a imagem deixa de ser mera representação e transforma-se em uma transfiguração do mundo – aquela que podemos definir como decorrente dos conflitos irreconciliáveis da diversidade de fontes. Como um fantasma a assolar a superfície, já que ela sequer tem corpo, existindo somente a materialidade rala da imagem sobre o plano no qual uma vez se fez pintura. Ao fim e ao cabo, o que temos é um quebra-cabeça conceitual que se estrutura com o olhar e existe apenas no instante em que cada um de nós conforma uma lógica aparente. A fugacidade desse instante é perdida em seguida para ser novamente reconquistada quando um novo espectador então se posta diante da obra. Cada um deles, portanto, refaz a condição de alteridade que a obra, em seu exercício com o olhar do Outro, testa como forma de lição assintomática do corpo em ação diante da iminente perda do sentido.

Gaudêncio Fidelis
Curador e Doutor em História da Arte



Sem título

Colagem e desenho com chapa de raio X e nanquim
sobre chapa de plástico polionda
47x49cm
2015

Sobre Ricardo Giuliani

Escrever sobre o trabalho de Giuliani é um senhor desafio. Não só porque não pertencço ao “sistema” das artes, como pela personalidade inquieta e sem meias palavras de Giuliani e de seu trabalho múltiplo.

Mesmo sendo um artista jovem, tem uma produção incrível e volumosa. Trabalha com escultura, óleo, colagem, acrílico, guache, *backlight*; enfim, utiliza como plataforma para suas manifestações qualquer suporte que surge, como exames de raios X ou matérias de jornais e revistas. Gosta de grandes superfícies, em que pese não se constranger com as pequenas.

Porcos com charuto, corpos nus de pernas para o ar, bocas e olhos gigantes, superposição de rostos semitransparentes, mãos ameaçadoras... Giuliani nos deixa atônitos frente a seus trabalhos, convidando-nos a sentir e a refletir o desconforto de vivermos em dias turbulentos como os de hoje.

Seu trabalho traz muito da sua personalidade: inquietação, acima de tudo. Ninguém passa por um trabalho de Giuliani e sai da mesma maneira. Seus traços fortes, pinceladas enérgicas e uso de variados materiais servem, no fundo, para o artista manifestar sua indignação com o que acontece a sua volta. Para ele, denunciar sem cair no lugar-comum do panfleto é uma condição expressiva e existencial.

Como advogado, escritor, músico, debatedor e professor universitário, entre tantas atividades que exerce, ele sente necessidade de se manifestar através de uma despreocupação formal ou canônica que acaba por flertar com o hiper-realismo, o surrealismo e o POP, trazendo sempre uma severa crítica social.

Seu engajamento nos leva a participar da sua realidade, através das cores fortes, formas exuberantes, seres deformados e palavras recolhidas no dia a dia da grande imprensa.

Ao ser selecionado entre mais de uma centena de artistas inscritos como o único gaúcho a expor juntamente com outros artistas brasileiros na Câmara dos Deputados, Giuliani tem a oportunidade de mostrar sua realidade brasileira. É um artista em ascensão, com uma produção gigantesca e frenética, de quem muito ainda vai se ouvir falar, pois a arte é sua paixão e onde desagua grande parte do seu talento multiplataforma.



**Sem título**

Colagem e desenho sobre chapa de raio X,
nanquim sobre chapa de plástico polionda
100x132cm
2015

Trajetória

Exposições Individuais

TransAparente, Fundarte, Montenegro, RS, 2016;
 Inventando um mundo, Galeria Modernidade, Novo Hamburgo, 2015;
 TransAparente, Arte&FatoGaleria, Porto Alegre, 2015;
 "Andanças", Arte&Fato Galeria, Porto Alegre, 2014;
 Vice-Consulado do Brasil no Departamento de Artigas, Uruguai, 2014.

Exposições Coletivas

XIV Salão Latino-Americano de Artes Plásticas de Santa Maria, RS, 2016;
 Festival Paratíssima, recorte da I Bienal C, Associação Chico Lisboa, Lisboa, Portugal, 2016;
 Horizontes da Paisagem, curadoria Ana Zavadil, Centro Cultural Dr. Henrique Ordavás Filho, Caxias do Sul, RS, 2016;
 Caminhos da Criação: Design, Moda e Arte, curadoria Ana Zavadil, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, 2016;
 Paisagem Plural, curadoria Ana Zavadil, Fundação BADESC, Florianópolis, SC;
 Arte Essencial, curadoria Ana ZavadilW, Arte&Fato Galeria, Porto Alegre, 2015;
 A Paisagem: Vestígios, Desvios e outras derivas, Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), Porto Alegre, 2015;
 Identidade: Desenho, curadoria Anaurelino Barros Neto e Fábio Rheinheimer, Galeria Porão do Paço Municipal da Prefeitura de Porto Alegre, RS, 2015; RS;
 O Corpo na Arte Instrumento, Plasticidade e Suporte, MACRS, Porto Alegre, RS;
 Contextos e Inquietações, I Bienal C, galeria de Arte do DMAE, Porto Alegre, RS, 2015;
 Abordagens e Sentidos: A Pintura como possibilidade poética, Estúdio Dezenove, Rio de Janeiro, RJ, 2015;
 5º Salão Fundarte/SESC de Arte 10x10, Montenegro, RS, 2015;

Prenúncios da Primavera, Universidade de Caxias do Sul, RS, 2015;
 Lá Fora II, Pátio da Associação Chico Lisboa, Porto Alegre, RS, 2015;
 Marcadores da Arte, Espaço Cultural da Chico Lisboa, Porto Alegre, RS e UCS, Caxias do Sul, RS e Casa de Cultura Pedro Wayne, Bagé, RS, 2015;
 Arte+Arte, Visões da Liberdade - Recorte de Fotografia, itinerância na UCS, Caxias do Sul, RS e Casa das Artes Regina Simonis, Santa Cruz do Sul, RS, 2014;
 O Cânone Pobre - Uma Arqueologia da Precariedade na Arte, Museu de Artes do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014;
 Seleção da Chico: Cultura e Cotidiano, Associação Chico Lisboa, Porto Alegre, 2014;
 20º Salão de Artes Plásticas da Câmara de Porto Alegre, 2014;
 Arte+Arte, Visões da Liberdade, Memorial do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

Obras em acervo

Possui obra no Acervo do MARGS, Porto Alegre, RS, Centro Cultural Dr. Henrique Ordavás Filho e Universidade de Caxias do Sul, ambos em Caxias do Sul, RS, e na URI em Erechim, RS.

Premiações

Foi Destaque Cultural no Prêmio Luiz Menezes, concedido pelo município de Quaraí em 2015.

Publicações

Em 2014, a obra Tees foi publicada na capa da revista Brasileira de Psiquiatria Trends e a obra Yoko na Revista Te s]xOH, publicação do MARGS. Com atividades no meio cultural na Música e na Literatura, foi finalista do Prêmio Açorianos, categoria Crônica, em 2012.

Biografia

Ricardo Giuliani nasceu na fronteira do Brasil com o Uruguai, a 600 km de Porto Alegre, em Quaraí, RS, em 1963. Com a segunda crise do petróleo, sua família mudou-se para a capital, fugindo da carestia. Aos 14 anos, foi contratado como aprendiz de mecânica na Companhia Carris Porto-Alegrense. Depois empregou-se como contínuo da Companhia Telefônica, foi auxiliar de escritório, escriturário e técnico em contabilidade, permanecendo vinculado à CRT por 18 anos.

Logo cedo se interessou por questões de cidadania e resistência à ditadura. Aos 16 anos, entrou para o sindicato. Foi delegado sindical, diretor do sindicato, membro de central sindical e filiado a partido político. Para expressar utopias e desejos, entrou também no mundo da música e da poesia: participou, nos anos 80, dos Festivais de Música Nativa, no Rio Grande do Sul e, junto com o Grupo Canto Chão, ganhou um dos festivais.

Na Faculdade de Direito, foi convidado a assessorar a Constituinte Estadual. Um ano após a colação de grau, começou a lecionar Direito Constitucional. Fez pós-graduação em Direito Privado, mestrado e doutorado em Direito. Esteve vinculado à universidade por quase 18 anos, lecionando na graduação e na pós-graduação, e atualmente encontra-se licenciado das atividades acadêmicas. Publicou cinco livros e foi finalista do Prêmio Açorianos de Literatura em 2012.



Depois da morte de seu pai, em 2012, mesmo sem jamais ter desenhado nem recebido qualquer tipo de formação nas artes visuais, começou a pintar telas. Um amigo viu os trabalhos e os apresentou a um profissional do meio artístico. Daí o caminho foi surpreendentemente rápido.

Yoko foi a primeira obra que Ricardo Giuliani expôs, numa coletiva no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), em 2013, junto com artistas já consagrados. A partir de então, além de advogar, esse autodidata tem levado as artes visuais como principal foco e ponto de atenção. Já participou de exposições individuais e coletivas nos museus de Porto Alegre e centros culturais do estado e foi selecionado numa série de editais públicos. Tem obras no acervo público do MARGS e na Universidade Regional Integrada (URI), em Erechim, RS.

**Sem título**

Colagem e desenho sobre chapa de raio X, nanquim sobre chapa de plástico polionda
132x100cm
2015

**Sem título**

Colagem e desenho sobre chapa de raio X,
nanquim sobre chapa de plástico polionda
132x65cm
2015

**Sem título (tríptico)**

Colagem e desenho sobre chapa de raio X, nanquim sobre chapa de plástico polionda

132x600cm

2015



Sem título

Colagem e desenho sobre chapa de raio X,
nanquim sobre chapa de plástico polionda
132x65cm
2015



Sem título

Colagem e desenho sobre chapa de raio X, nanquim sobre chapa de plástico polionda
132x100cm
2015

Câmara dos Deputados

**Mesa Diretora da
Câmara dos Deputados**

Presidente

Rodrigo Maia (DEM/RJ)

1º Vice-Presidente

Waldir Maranhão (PP/MA)

2º Vice-Presidente

Giacobo (PR/PR)

1º Secretário

Beto Mansur (PRB/SP)

2º Secretário

Felipe Bornier (PROS/RJ)

3º Secretário

Mara Gabrilli (PSDB/SP)

4º Secretário

Alex Canziani (PTB/PR)

Suplentes

Mandetta (DEM/MS)

Gilberto Nascimento (PSC/SP)

Luiza Erundina (PSOL/SP)

Ricardo Izar (PP/SP)

Procurador Parlamentar

Claudio Cajado (DEM/BA)

Corregedor Parlamentar

Carlos Manato (SD/ES)

Diretor-Geral

Lucio Henrique Xavier Lopes

Secretário-Geral da Mesa

Wagner Soares Padilha

**Coordenação do Projeto
Secretaria de Comunicação Social
Centro Cultural Câmara dos Deputados**

Secretário de Comunicação Social da Câmara dos Deputados
José Priante (PMDB/PA)

Diretora Executiva de Comunicação Social
Gisele Azevedo Rodrigues

Diretor do Centro Cultural
Wesley Vasconcelos

Núcleo de História, Arte e Cultura
Coordenação
Clarissa de Castro

Produtora e Museóloga
Luciana Scanapieco

Assessoria de Imprensa | Revisão e Divulgação
C.André Laquintinie | Maria Amélia Elói

Montagem e Manutenção da Exposição
André Ventorim | Edson Caetano | Paulo Titula | Wendel Fontenele

Projeto Gráfico
Ely Borges | Israel Wlademir

Núcleo de Museu
Coordenação
Marcelo Sá de Sousa

Conservação e Restauração
Serviço de Preservação - COBEC/CEDI

Material Gráfico
Coordenação de Serviços Gráficos - CGRAF/DEAPA

Curadoria
Ana Zavadil

Produção
Letícia Lau - Babilônica Arte e Cultura

Fotografia
Nilton Santolin

Contato do artista

Ricardo Giuliani Estúdio de Criação
Telefones: (51) 3516-2259 e (51) 99930-1911
contato@estudioricardogiuliani.com
ricardo@estudioricardogiuliani.com

Endereço: Rua Marechal Floriano Peixoto, 760. Porto Alegre/RS - CEP 91920-650

Facebook: /ricardogiulianiartista

Informações: 0800 619 619 - cultural@camara.leg.br
Palácio do Congresso Nacional - Câmara dos Deputados
Anexo 1 - Sala 1601 - CEP 70.160-900 - Brasília/DF
<http://www2.camara.leg.br/participe/cultura-na-camara>

Brasília, janeiro de 2017.





Centro Cultural
Secretaria de
Comunicação Social

